



PROMETEUS - FILOSOFIA



MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA ARCHAÍ/ UNBSCO

JANEIRO/ JUNHO DE 2014 - VOLUME 7 - ANO 7 - N. 15

ISSN: 2176-5960

RESENHA

GOURINAT, J. B.; BARNES, J. (Org.). *Ler os Estoicos*. Paula S. R. C. Silva (Trad.). São Paulo: Loyola, 2013.

Aldo Dinucci
Doutor em filosofia pela PUC-RJ
Membro permanente do Mestrado em Filosofia da UFS
Coordenador do grupo de pesquisa Viva Vox

A Loyola acaba de lançar a tradução da obra *Lire les stoiciens*, publicada originalmente em francês pelas Presses Universitaires de France, em 2009. Os organizadores são reconhecidos pesquisadores da área, produzindo há muito excelentes trabalhos sobre estoicismo. Gourinat publicou uma das melhores traduções comentadas do *Encheirídon de Epicteto*¹, enquanto Barnes lançou, em 1997, o excelente *Logic and the Imperial Stoa*². No prefácio, os organizadores deixam claro o objetivo da obra: “ajudar o leitor contemporâneo que quer aproveitar a “utilidade fora do comum” do estoicismo, mas que poderia sentir-se desencorajado pelas dificuldades que se apresentam” (2013, p.10).

O livro divide-se em duas partes: (i) A escola estoica no período helenístico e (ii) o estoicismo imperial. A primeira parte apresenta seis artigos; a segunda, cinco. O volume oferece, no final, cronologia e bibliografia bastante informativas. As duas principais partes do livro são precedidas do já mencionado prefácio e de um artigo

¹ GOURINAT, J. B. *Premieres Lec. Sur Manuel D'Epictète*. Paris: PUF, 1998.

² BARNES, J. *Logic and the Imperial Stoa*. Leiden: Brill, 1997.

introdutório de Gourinat, no qual se fala, entre outras coisas, sobre a história do Pórtico (2013, p. 20- 24) e as principais fontes antigas que hoje temos sobre o estoicismo (2013, p. 28-32).

Na primeira parte, constatamos alguns problemas na tradução do capítulo intitulado “Dialética”, de Paolo Crivelli. O texto aparentemente foi traduzido por alguém que não conhece o jargão do meio filosófico. Exemplo disso é a nota 6 da página 55, na qual lemos “Alguns comentaristas estão em desacordo”, sendo o termo apropriado “comentadores” e não “comentaristas”. Tal equívoco se repete na página 56 e 57. Na página 57, lemos que “as passagens que tratam das definições estoicas dessas propriedades modais estão deterioradas”, quando melhor seria dizer “corrompidas”. Também a célebre implicação estoica “Se é dia, há luz” é curiosamente traduzida por “Se é dia, há claridade” (2013, p. 59 e passim). Entretanto, o pior é que o tradutor desse capítulo em particular parece possuir pouca compreensão sobre a lógica estoica, o que faz com que o texto simplesmente não tenha sentido em alguns trechos. Eis um exemplo: “uma proposição conjuntiva [...] começa pela ocorrência do conector conjuntivo *e*, seguido de uma proposição, seguido³ de uma ou mais ocorrências de proposições, onde cada uma é precedida pela ocorrência do conectivo conjuntivo *e*” (2013, p. 63-4). É evidente que, em nossa língua, uma proposição conjuntiva não começa com *e*⁴. Como está, fica difícil compreender o que é uma conjunção, o que não ocorre se tomarmos a definição que nos é oferecida por Diógenes Laércio: “O *axiôma*⁵ conjuntivo⁶ é um *axiôma* que é conjungido por alguns conectivos de conjunção, como, por exemplo: ‘tanto é dia quanto há luz’” (DL, 7.73). Some-se a isso tudo que, nas notas, a maior parte dos nomes de filósofos antigos simplesmente não está traduzida para a nossa língua. Por exemplo: na nota 5 da página 55, lemos “Galien” e não o correto “Galeno”; na nota 9 da página 57, lemos “Sexto”, mas a seguir, na nota 10, o célebre filósofo cético é chamado de “Sextus”, e daí por diante. O capítulo está repleto de erros tais, tornando recomendável uma revisão técnica quando for o caso de se realizar uma segunda tiragem da obra.

³ Sic. Deveria, claro, ser “seguida”.

⁴ Isso, como se sabe, ocorre no grego. O termo grego para *e* é *kaí*, que é utilizado no mesmo sentido de nossa expressão “tanto... quanto ...” (*kaí ... kaí...*)

⁵ Que é, estritamente falando, o termo usado pelos estoicos e que difere da “proposição” da lógica contemporânea por ter valor de verdade associado à temporalidade.

⁶ *Supeplegménon*.

O capítulo IV da primeira parte nos traz um excelente texto do consagrado comentador David Sedley intitulado “Os deuses e os homens” (2013, p. 95- 115), no qual o autor trata com muita clareza da cosmologia estoica, dos argumentos estoicos sobre a existência de Deus, da estrutura do cosmos segundo os estoicos e da compatibilidade entre o determinismo físico e a responsabilidade moral de cada ser humano.

A segunda parte se abre com um texto de Jonathan Barnes intitulado “Gramática, retórica, epistemologia e dialética” (2013, p. 157 - 174), no qual o comentador faz uma síntese das conclusões que alcançou em seu supracitado livro *Logic and the Imperial Stoa*. Nesta obra, Barnes prova, através de inúmeras citações antigas, que falta fundamento à tese segundo a qual, no período imperial romano, a filosofia estoica se limitou às reflexões morais. Pelo contrário: o que se constata, através dos testemunhos de Epicteto, Marcos Aurélio e de uma série de observações incidentais de famosos escritores da época, é que, então, a lógica era bastante estudada e difundida, chegando a ser tema de conversas nos famosos banquetes romanos. Como Barnes observa:

Não apenas os filósofos apaixonaram-se pela lógica: muitos textos apresentam a figura do jovem inteligente e vaidoso que nada aprecia mais do que pontificar sobre os paradoxos dialéticos. Afinal, é o que ele aprendeu na escola de filosofia: todo jovem de boa família estudava filosofia, todos aqueles que estudavam filosofia haviam começado pela lógica. (2013, p. 159)

Além disso, embora não se possa afirmar peremptoriamente que houve grandes avanços na lógica no período imperial, dada a escassez de informações que temos sobre isso, ainda assim é possível enumerar algumas inovações da lógica de então, o que Barnes faz. Entre essas inovações está o reconhecimento dos silogismos de uma só premissa feito por Antípater de Tarso, que se opôs, nesse ponto, à ortodoxia estoica, que, desde Crisipo, e talvez seguindo Aristóteles, afirmava a necessidade de que um argumento deveria ter ao menos duas premissas (2013, p. 170).

Na segunda parte da obra temos um artigo do eminente comentador Anthony Long intitulado “A ética: continuidade e inovações” (2013, p. 197-220). Ao final desse capítulo, Long nos oferece uma muito útil apresentação sumária de Sêneca, Epicteto, Marcos Aurélio e suas obras.

Considerando o livro como um todo, e a despeito das falhas na tradução do texto de Paolo Crivelli, a obra é recomendável para aqueles que buscam uma introdução ao

pensamento estoico, sobretudo por oferecer uma série de textos de alta qualidade produzidos pelos mais destacados comentadores da área. O livro pode ser adquirido pelo seguinte link:

http://www.loyola.com.br/produtos_descricao.asp?lang=pt_BR&codigo_produto=21199